O MUSEU ARCHEOLOGICO DO CARMO

POR

GABRIEL PEREIRA

LISBOA
Typ. Lallemant
6, R. Antonio Maria Cardoso, 6
1900

O MUSEU ARCHEOLOGICO DO CARMO

POR

GABRIEL PEREIRA

LISBOA
Typ. Lallemant
6, R. Antonio Maria Cardoso, 6
1900

O MUSEU ARCHEOLOGICO DO CARMO

O templo e o convento de Nossa Senhora do Vencimento, do Monte do Carmo, foram fundados pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira. O titulo do *Vencimento* foi applicado pela devoção geral; porque o fundador sempre lhe chamou *Santa Maria do Carmo*. Em 1385, a 14 d'agosto, feriu-se a memoravel batalha de Aljubarrota; foi uma victoria decisiva de portuguezes contra castelhanos. Tão fulminante essa batalha entre exercitos desproporcionados, 11 mil combatentes, na maioria arraia miuda, pouco disciplinada, contra os 30 mil de Castella bem armados e organisados, que pareceu devida a auxilio sobrenatural, a caso de milagre.

O rei D. João e o seu condestavel fizeram votos á Virgem Maria, abrasados em fé e no amor da patria: e cumpriram seus votos depois da victoria que veio confirmar a independencia de Portugal. D. João I fez erguer essa maravilha de N. S.ª da Victoria da Batalha. D. Nuno veio fundar o templo de N. S.ª do Vencimento, Santa Maria do Carmo,

escolhendo esta altura sobranceira a Valle Verde, hoje a praça de D. Pedro, o Rocio, e fronteira ao soberbo monte onde ergue a sua bella coroa de torres e quadrellas o castello de S. Jorge.

Outros escriptores dizem que o voto se fizera não em Aljubarrota, mas na renhida batalha de Valverde, nas proximidades da cidade de Mérida.

Basta a origem do edificio para o constituir monumento historico.

Em julho de 1389 começou a obra.

Por duas vezes houve catastrophes na construcção sendo preciso profundar e reforçar muito os alicerces; mas o condestavel insistiu e venceu Ficaram bem feitos sem duvida esses alicerces, porque a construcção alterosa, erguida sobre esse cabeço de rapidissimo declive, tem resistido a inverneiras e terremotos, mantendo o seu aprumo.

Em 1407 reforçaram a parede sul, depois de ter apparecido uma fenda no frontespicio, entre a porta principal e o cunhal. N'esse mesmo anno vieram de Moura, do convento de N. S.ª do Carmo, alguns religiosos, chamados pelo condestavel, e começou logo a vida de communidade.

O templo, porém, só ficou prompto em 1423, celebrando-se a cerimonia da sagração em julho de esse anno.

Em 15 d'agosto do mesmo anno o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, conde de Ourem, de Arrayolos e Barcellos, o glorioso chefe militar dos Atoleiros, de Aljubarrota e de Valverde vestia ahi o habito de donato carmelita; tinha 63 annos de idade.

O santo condestavel fundador falleceu em 1 de novembro de 1431.

O templo do Carmo, e nelle a sepultura do fundador tornaram-se centro das romarias piedosas do povo. Primeiramente esteve em sepultura raza no meio da capella mór; poucos annos depois de fallecido já estava no tumulo monumental, de que infelizmente resta uma imitação pobre.

A gente do povo nesses bons tempos de crença e fé ia dançar e cantar em roda d'esse tumulo de onde sahia tamanha lição de amor patrio e de abnegação das cousas do mundo. Velhos chronistas nos conservaram lembrança das poeticas usanças, e até as singulares cantigas entoadas pelo povo, por quem D. Nuno foi logo considerado santo. E todavia ainda não é officialmente Santo apesar de ter culto em varias partes; o longo processo de canonisação ainda está pendente em Roma.

A frontaria actual conserva bem as linhas geraes. O portal é o primitivo, amplo, formado por seis arcos ogivaes apoiados em finos columnelos de pequenos capiteis de ornamentação vegetal com pequenas cabeças humanas, salientes, em fina esculptura. O portal está no seu logar; descia-se como se desce agora para o templo; a descida para o portal, o soterramento da fachada é mais recente; todavia é esta elevação do largo do Carmo muito anterior ao terremoto de 1755.

Porque fr. José Pereira de Sant'Anna na Chronica dos Carmelitas impressa em 1745 diz a respeito da porta do templo — Da parte do adro occidental, onde a terra fica mais alta que o pavimento da

egreja só a metade superior do dito portico apparece. Depois que se entra na egreja, e se descem os treze degráus de marmore, que encaminham para o seu pavimento, então se vê inteiramente todo o portico, tão singular na materia, como proporcionado na architectura.

Vilhena Barbosa descreve assim este monumento: O templo é de tres naves, iguaes na altura, divididas por cinco arcos ogivaes de cada lado, sustentados por feixes de delgadas columnas.

Desde o portal até ao fundo da capella-mór contam-se 71,94 metros.

Largura, 22.

Comprimento do cruzeiro 33.

Altura das naves 24,64.

Tinha este templo 25 capellas reconstruidas com magnificencia nos principios do seculo XVIII, sendo revestidas de finos marmores de côres diversas, era lavrados em delicados relevos, ora burnidos e lustrosos como espelhos. Os vãos da nave do meio, que medeiam entre os arcos, sobre as columnas, eram guarnecidos de paineis com molduras douradas.

Nos topos do cruzeiro estavam duas sumptuosas capellas, abertas em toda a altura da igreja, e com retabolos de talha dourada.

Em uma d'estas, dedicada a N. S.ª da Encarnação, celebrou missa algumas vezes o que foi apostolo das Indias, S. Francisco Xavier.

No mesmo cruzeiro havia mais quatro capellas collateraes da capella mór, consagradas a N. S.ª sob diversas invocações.

P. Marshall

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/omuseuarcheologi00pere

Nas columnas junto ao cruzeiro estavam dois pulpitos de marmore, primorosamente cinzelados. A capella mór tem duas ordens de janellas, sendo a inferior, a primitiva, de ogiva, a superior de volta redonda, na face interior, mas de ogiva na exterior.

Adornavam esta capella mór excellentes paineis, devidos ao pincel de um distincto pintor portuguez, Braz de Avelar, e obra de talha primorosa feita pela maior parte em 1510, por Pedro de Frias. Ahi se admiravam as celebres cadeiras do côro, de talha relevada com infinita variedade de figuras, de arabescos, folhagens e flores, obra do eximio esculptor Diogo da Costa (?), em 1548.

Na entrada da capella via-se uma grade de ebano e dois pulpitos da mesma madeira com guarnições de bronze dourado, fabricados com muita perfeição.

O pavimento da capella mór era de marmores de côres em xadrez.

O mais notavel dos monumentos funebres era o do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Fôra enterrado no meio da capella mór, em sepultura raza: mas a infanta D. Izabel, filha de D. João I e duqueza de Borgonha, mandou de Bruxellas um sumptuoso mausoleu para encerro do corpo do condestavel; foi a simples campa rasa substituida pelo sarcophago monumental. Em 1548 mudaram o tumulo para o presbyterio do lado do evangelho. Conserva-se ainda o vão onde estava o sarcophago.

Era um mausoleu de fino alabastro. Compunha-se de uma caixa ou urna com 2^{m},60 de comprimento, em cujas faces estavam esculpidas em relevo as

santas imagens, que em vida trazia pintadas na sua bandeira, e juntamente figuras de anjos com os escudos d'armas dos Pereiras.

A caixa descançava sobre tres leões, e tinha em cima da tampa a estatua do condestavel, em vulto inteiro, deitada, e vestida no habito carmelitano, empunhando na mão direita o cajado em que costumava apoiar-se na velhice, e na esquerda o livro de orações que trazia sempre comsigo.

Junto do tumulo erguia-se a estatua de um gentil mancebo, em pé, com 1^{m},50 de altura, vestida de armas brancas, com peito, manoplas, grevas, espaldar, espada á cinta e uma grande hacha de armas na mão. Representava D. Nuno Alvares Pereira na sua juventude e na forma por que sahia a pelejar.

Na parede contigua ao mausoleu lia-se o epitaphio seguinte: «*Aqui jaz a muito honrada e virtuosa dona Iria Gonçalves madre do santo conde que mandou fazer este mosteiro*».

Havia no mosteiro alguns jazigos da casa de Bragança, e muitos de pessoas notaveis, como o de Antonio Ferreira, o auctor da tragedia *D. Ignez de Castro*.

Estavam entre as joias da egreja a espada do condestavel, e o sceptro de oiro que fora tomado na batalha de Aljubarrota a D. João I de Castella. A espada salvou-se felizmente, e está hoje no gabinete da numismatica d'el-rei.

Na sacristia e no claustro havia muitos jazigos. Um letreiro em gothico dizia: «Esta sepultura he de João de Guimarães, Alfageme» Era o famoso

alfageme de Santarem que corregeu a espada do condestavel, deliciosa tradição aproveitada pelo grande genio de Almeida Garrett, no drama *O Alfageme de Santarem*.

Jaziam tambem no claustro o jurisconsulto Manuel Alvares Pegas, o padre Antonio Carvalho da Costa, auctor da *Chorographia Portugueza*, Garcia Mendes de Castello Branco, um dos primeiros conquistadores do reino de Angola.

Era um conjuncto formidavel de arte, de tradições gloriosas, de grandes abnegações.

No dia 1.º de novembro de 1755 pouco depois das 9 e meia da manhã tremeu a terra; os primeiros impulsos foram de baixo para cima, em augmento de violencia; depois houve um grande balanço de norte para sul. Desabaram os edificios, Lisboa ficou n'uma ruina enorme, envolta em pó, e ao horror do terremoto veio juntar-se a devastação do incendio.

Na egreja abateu logo no começo do abalo a abobada do cruzeiro, a seguir a do corpo da egreja. Era dia solemne! dia de Todos os Santos, e, áquella hora, havia luzes em todos os altares; o fogo pegou nas armações de damasco; as talhas douradas, que eram muitas, formaram a grande fogueira; o fogo lavrou na egreja e convento emquanto encontrou combustivel; nas paredes que existem hoje, especialmente nas capellas, vê-se a silharia toda estalada; foi medonho.

Morreram muitas pessoas, só dos religiosos pereceram 14.

Depois os carmelitas, de que então era provin-

cial fr. José Pereira de Sant'Anna, trataram de reedificar o convento, improvisando uma egreja para o culto junto da antiga; depois da reconstrucção do convento os padres começaram a reedificar o antigo templo. Faltaram os meios, vieram as grandes perturbações, e os trabalhos pararam de todo ao findar do seculo passado. Trataram de seguir a traça geral do templo primitivo na reconstrucção, mas o tempo era outro, estavam longe então de entender a austera ogiva, por isso essas bases das columnas estão em desharmonia com os fustes, e por isso, felizmente, tudo o que é da primitiva ali se destaca frisantemente do que é justaposto ou moderno.

Extinctas as ordens religiosas, estabeleceu se no convento o quartel da guarda municipal.

O antigo templo, essa magestosa ruina, esse monumento, ficou abandonado, ou peior ainda, tornado em armazem de lixo, esquecido em espantosa e criminosa indifferença ou estupidez.

Em 1864 estabeleceu-se ahi a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes. Tirou-se o entulho, 8 mil carradas!

As capellas abobadadas foram aproveitadas para salas de exposição de objectos miudos, para sessões etc., e as grandes naves descobertas para os objectos maiores, estatuas, grandes tumulos, capiteis, janellas que não soffrem com a exposição ao tempo.

Diz Vilhena Barbosa: — operou-se então no venerando monumento do seculo XIV uma grande transformação, devida á intelligente, patriotica e

incansavel actividade do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto civil muito distincto, fundador e presidente d'aquella esclarecida e benemerita Associação. —

Ultimamente, devido á influencia do actual presidente, sr. conde de S. Januario, o Museu teve grandes melhoramentos, podendo affirmar-se que offerece um conjuncto de elementos de estudo muito apreciavel, e n'uma installação digna. Não se deve esquecer que a Associação é formada por um pequeno numero de socios, sendo por isto os seus recursos mui diminutos.

PRIMEIRA SALA

André de Rezende

Assim denominada em homenagem á memoria do grande antiquario e humanista português do sec. XVI.

É uma capella bem conservada em todas as suas linhas principaes: paredes, frestas, abobada. Bello exemplar do ogival do sec. XIV. Está a descoberto, como embutida na parede, a pequena porta ogival que communicava com o convento. Na silharia tisnada pelo tempo apresenta-se variedade de signaes dos canteiros.

Está aqui como em lugar de honra o sarcophago romano, com estatuetas em alto relevo representando Apollo Musageta, no meio do côro das musas.

Partindo da esquerda para a direita reconhe-

cemos Polimnia, Terpsichore, Talia, Caliope, Euterpe, e logo, dominante, o Apollo; a seguir Melpomene, Erato, Urania e Clio. Apollo Musageta tem a mão direita erguida e dá o signal do cantar, aqui o do cantico ultimo da vida; tendo estendidos o dedo indicador e o medio. Nos dois lados, genios alados apagando os fachos; no quarto nenhuma esculptura, o que parece indicar que o monumento estaria encostado.

(Museo espanol de antiguedades, T. II 1873, p. 235). Este sarcophago, e o do museu do Porto (achado no Alemtejo) são monumentos de arte romana, de primeira ordem.

Mosaicos romanos, bellos e grandes exemplares. Fragmentos de argamassas. Lapides romanas com lettreiros; marcos milliarios. Amphora romana. Inscripção hebraica. Uma pequena ara. A estatua do Douro, que esteve na barra d'este rio, esculptura rude, talvez da epocha romana.

Modelo em gesso, muito perfeito, do pulpito de Santa Cruz de Coimbra, admiravel monumento artistico da renascença.

Alguns modelos, muito instructivos do *Circo maximo*, *theatro de Pompeia*, *Acropole de Athenas*, *Parthenon*, *Pyramide egypcia*, *templo de Karnak*, etc.

SEGUNDA SALA

D. Fernando II

El-rei o sr. D. Fernando II foi grande amigo da

P. Marinlie_ft

Associação; se elle era um culto sempre prompto a proteger as bellas-artes! em qualquer das suas manifestações; artista, desenhista, ceramista delicado, humorista de primeira agua, colleccionador intelligente, exerceu uma grande influencia na Arte portugueza.

Esta sala é um formoso exemplar de architectura ogival. Os feixos da abobada conservam os seus ornatos Mostram-se ainda as portas em ogiva, sendo a maior a que diz para a capella mór, ou sala principal. Na reconstrucção d'essa porta vê-se bem o que isto era e o que os bons carmelitas iam fazer.

Nesta sala está o gentil busto de D. Fernando II assignado — *Aug. Arnaud*, 1866.

Retrato do imperador do Brazil, D. Pedro II, amigo e visitante do museu. É devido ao pincel do nosso socio benemerito, sr. Felix da Costa.

Retratos da rainha sr.ª D. Maria Pia, e do sr. conde de S. Januario, nosso actual e dedicado presidente, a quem esta Associação deve de ha muito singulares serviços.

Retrato do architecto Possidonio da Silva o nosso inolvidavel presidente e fundador, pintura devida ao pincel brilhante de Felix da Costa.

Retratos de Ludovice, de J. Silvestre Ribeiro, de J. Costa e Silva, de Manuel da Maia, Costa Sequeira, Pires da Fonte, Vilhena Barbosa, Filippe Simões, Oliveira Cruz, Feijó, Verissimo José da Costa, Costa Lima, etc.

Nesta sala está a nossa pequena, mas selecta livraria.

Collecção de photographias dos objectos de ourivesaria do Palacio das Necessidades. Talvez, creio, a unica serie de photographias agora existente.

Nas vidraças d'esta sala estão varios objectos de alto valor archeologico, e alguns desenhos dos principaes achados em Portugal, por exemplo dos torques da Penha Verde e de Penella. Varios typos de machados de bronze, originaes; collecção muito notavel.

Estampas da ceramica prehistorica de Palmella. Modelos de typos de machados, em gesso. Aguarellas antigas do dolmen de Gontinhães, e da notavel construcção de Castello de Paiva.

Ardosias laviadas, raridades prehistoricas, do territorio hoje Portugal; duas originaes, modelos em gesso, e estampas.

Machados de pedra originaes, do terreno português, typos diversos, e de varias grandezas.

A respeito da nossa livraria, devida quasi exclusivamente a donativos, estão publicados no Boletim relatorios annuaes, devidos ao benemerito bibliothecario, sr. visconde da Torre da Murta.

TERCEIRA SALA

D. Nuno Alvares Pereira

E' a sala principal do nosso Museu; a capella mór do grande templo fundado pelo condestavel.

Nun'Alvares, o santo condestavel. A nobreza da construcção, pura ainda nas suas linhas principaes, moldura bem o tumultuar do pensamento recordando os episodios gloriosos da historia patria. Nessas aprumadas paredes tisnadas pelo tempo, pelo incendio, resistentes aos terremotos, pousaram os olhos do homem de guerra a quem o povo chamou santo. A catastrophe abateu a abobada, os carmelitas da decadencia quizeram transformar, alindar, modernisar a seu gosto; não venceram a primitiva construcção, erecta sobre o monte alteroso que defronta o do velho castello da cidade.

As portas bonitas da reconstrucção começada não apagaram as religiosas ogivas de N. Sr.ª do Vencimento. As altas paredes de silharia estão firmes, e aprumadas as cinco ogivas elegantes voltadas a nascente; as pedras estaladas testemunham o pavoroso incendio; a abobada de tijolo recorda o desastre do ultimo grande terremoto.

Ha nesta sala grandes collecções de azulejos, bellos exemplares, de varias edades e proveniencias. Em Portugal conservam se felizmente azulejos arabes, hespanhoes, hollandezes, ao lado de uma riqueza infinita de azulejos nacionaes.

Temos aqui uma bella collecção de azulejos mouriscos que vieram do Funchal, da ilha da Madeira!

Isto explica se; os portuguezes descobriram a ilha da Madeira, e logo os donatarios, as colonias, os agricultores ergueram templos ao lado das casarias, e tudo levaram da mãe patria, a sua bondade, a sua cultura, o seu gado e os seus vegetaes, pedras para as fortalezas, e a sua arte decorativa, as

suas bombardas e as suas quinas, os seus santos, as suas festas, os seus costumes, a sua lingua.

Levaram até os azulejos que então aqui se usavam, para as egrejas que foram erguer nas ilhas atlanticas que iam povoando. Por isso eu acho uma significação alta nesses azulejos que vieram do Funchal.

Mas ao lado d'estes temos azulejos velhos de Portugal, bellos exemplares de azulejos de Delft, alguns excellentes da renascença portuguesa, e muitos, e excellentes exemplares dos azulejos portugueses do sec. XVII e XVIII.

O modelo da estatua de Nun'Alvares, joven e armado, merece attenção, tem alguns dados verdadeiros.

Anjos de marmore de Carrara.

Fragmento de um friso, finissimo, do Renascimento.

Duas mumias peruvianas, exemplares de muita raridade.

Uma collecção de faienças portuguesas e francesas.

Modelos do templo de Jerusalem e do Pantheon de Agrippa.

Os projectos de monumentos de D. Pedro IV e do duque da Terceira.

Modelos em madeira dos castiçaes, custodia e sacras da egreja da Estrella.

Um crucifixo em pedra de alta antiguidade.

Uma linda collecção de photographias da Batalha, de Coimbra, S. Marcos, Sé da Guarda, Abrantes, Portalegre, Aveiro, Oliveira do Conde, Goes, Cellas,

Beja, Montemor-o-velho, Agueda, Evora, etc , executada pelo conhecido Sartoris, de Coimbra.

QUARTA SALA

Possidonio da Silva

Em homenagem ao fundador, e constante amigo da Real Associação, se escolheu este nome para designar esta sala, installada na capella á direita da principal.

Temos aqui objectos mui dignos de attenção.

O modelo em madeira do tumulo do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, encimado pela sua estatua jacente, que nos mostra o heroe vestido no austero habito de carmelita ; e segurando na mão em vez da hacha d'armas o humilde e tosco bordão. Na face anterior do sarcophago está esculpida a sua bandeira tal como nol-a descreve a sua chronica. O primitivo tumulo monumental foi destruido pelo terremoto e os carmelitas trataram de o substituir por este modelo, que certamente não reproduz bem o primeiro monumento. Os ossos do condestavel estão depositados de ha muito n'uma capella de S. Vicente.

Os modelos em gesso das elegantes sobreportas da sala da Camara dos Pares são devidos ao esculptor Calmels que de ha muitos annos reside entre nós.

A collecção de decalcos de baixos relevos egy-

pcios é unica em Portugal e de grande merecimento; tanto mais que os nossos museus são de extraordinaria pobreza em antiguidades egypcias.

No grande armario envidraçado guardam-se objectos de varias proveniencias.

Temos uma collecção de pesos e medidas de bronze do seculo XVI. Ha ainda collecções ou objectos avulsos d'estes, em algumas camaras municipaes.

São mais vulgares as de D. Sebastião.

No esplendido museu do Arsenal do Exercito ha muitos jogos completos de antigos pesos e medidas.

Algumas antiguidades do Mexico, rarissimas em Portugal.

O grande relevo representando o Calvario, delicadissima esculptura em marmore fino.

Os quatro passos do *Senhor*, esculpturas em alabastro, de alto merito pela sua antiguidade; representam a *prisão*, a *flagellação*, o *enterro* e a *resurreição*.

Em muitos pontos a pedra foi pintada e dourada, uso geral em tempos antigos; na *flagellação* são bem visiveis ainda os vestigios da pintura e do dourado primitivos.

Ha mais esculpturas analogas em Portugal, no museu das Janellas Verdes, por exemplo. Em tempo affirmou-se que eram esculpturas provenientes da India; são muito anteriores ao descobrimento.

N'estas do nosso museu ha fragmentos ainda dos caixilhos ou molduras tambem em alabastro, em

pronunciado estylo ogival, gothico segundo alguns dizem impropriamente, que se pode attribuir ao seculo XIV.

Imagem de N. S.ª sobre um alto pedestal, trabalho interessante executado na Bahia (Brazil). São sempre dignos de attenção os objectos d'arte portugueza executados no Ultramar.

O artista portuguez encontrou materias primas de outra qualidade, outro meio, outras suggestões; e o artista ultramarino quiz com os seus processos imitar objectos portuguezes. E este movimento foi enorme, porque foram o sportuguezes que levaram á India, a China, ao Brazil, a egreja, o castello, a náo, o livro, a imagem do santo, e esses mesmos trouxeram a Portugal não só as especiarias e as perfumadas madeiras, e as finas sedas, e as fiadas de perolas, mas ainda o mobiliario, as porcelanas, os pequenos utensilios de uso caseiro.

N'essa mesma vidraça estão outros objectos de proveniencia ultramarina, como as molduras e cruzes de madreperola gravada.

N'esta sala estão uns lampeões monumentaes, grandiosos, que eram dos corredores de S. Bento.

A grande *prensa* de bronze, da Casa da Moeda, com inscripção, lavores e a data 1678.

QUINTA SALA

Affonso Domingues

E' dedicada á memoria do architecto Affonso

Domingues; e destinada a conter amostras de materiaes de construcção.

O nosso paiz é pequeno em territorio, mas comprehende grande numero de formações geologicas; granitos, diorites, basaltos rasgam em muitos pontos os schistos, jurassicos, cretaceos em grande variedade.

Alguns calcareos soffreram fortes energias metamorphicas. Estes factos explicam o grande numero e variedade de aguas thermaes, e a enorme diversidade de liozes e marmores. Cada terra tem o seu barro e a sua cal; e é bem curiosa e digna de estudo a variedade nos processos de construir. O typo da casa da morada varia de região para região.

Ha no Minho e em Traz-os-Montes casas urbanas ou ruraes construidas de poucos, enormes silhares, e no sul do paiz ha casas de taipa.

Usa-se em uns pontos o ladrilho e o formigão para fôrro do pavimento, em outros de pinho da terra, do lagedo, e até da simples terra batida coberta de plantas agrestes aromaticas.

A nossa collecção de materiaes de construcção não é rica ainda, nem mesmo completa. Não se imagina a quantidade e riqueza das collecções de materiaes de construcção que se tem feito em Portugal, para mandar a exposições no extrangeiro.

Creio que essas collecções não tem voltado a Portugal; não sei onde param. A nossa Associação alguma coisa tem, marmores, granitos, tijolos, telhas, areias, caes, cimentos, mas não está ainda bem. Depois é indispensavel obter preços, noticias

dos meios e custos do transporte, etc. para que uma collecção d'estas tenha uma importancia util.

Os fabricantes poderiam ter aqui suas amostras que seriam perfeitos reclamos aos seus productos. Isto teria ainda outra significação, porque de Portugal exporta-se cal; tem sahido pedra para o Brazil e para Hespanha; e, como é natural, o nosso Museu é bastante visitado por estrangeiros.

CRUZEIRO

A meio do cruzeiro ergue-se a estatua collossal da rainha D. Maria I sobre um pedestal quadrado; em tres faces da base estão relevos allusivos á fundação da Casa Pia, das Academias de Marinha e Commercio, brazão de Portugal, e um marmore em branco, que era destinado á inscripção do monumento; existe no museu das Janellas Verdes o modelo deste monumento; as quatro lindas estatuas que ladeavam o pedestal estão agora na Avenida da Liberdade, no cruzamento com a rua Alexandre Herculano.

Temos agora uma obra prima d'arte, de primeira ordem: uma grande janella do antigo convento dos Jeronymos, de Belem; eram duas, felizmente salvou-se este magnifico exemplar, a outra sumiu-se por lá, na alvenaria moderna d'aquella infeliz construcção.

A bella estatua de S. João Nepomuceno, que esteve na antiga ponte de Alcantara, é do esculptor Antonio de Padua.

As pedras byzantinas, provenientes do antigo mosteiro de Chellas, são exemplares mui distinctos.

A pequena e tosca estatua que segundo a tradição representa D. Affonso Henriques, com a cruz e a espada, é muito interessante no seu ingenuo trabalho. Que é obra d'arte muito antiga não ha duvida.

———

Agora reparemos na grande nave. Os tumulos de S. fr. Gil, de D. Constança, de Gonçalo de Sousa, de D. Affonso Sanches, de el-rei D. Fernando I, de Ruy de Menezes, são notabilidades de primeira ordem: monumentos d'arte dos seculos XIII a XVI.

O pelourinho de Turquel, do couto de Alcobaça, a taça de fonte de origem mourisca, os velhos capiteis, fechos de abobada, brazões, e muitas outras esculpturas, as inscripções sepulchraes ou commemorativas, etc., tornam este conjuncto digno de muita attenção.

Encostadas á parede da direita temos as bellas grades em ferro forjado, com ornatos de bronze que pertenceram á egreja de Mafra, onde felizmente ainda outras eguaes a estas estão no seu logar; estas estiveram arriscadas a ir para o ferro velho, salvou-as esta nossa Associação.

Na grande nave vê-se bem a historia do desastre d'este bello templo, monumento historico de primeira ordem. Houve o terremoto, o incendio. As grandes abobadas desabaram, ficaram só as das pequenas capellas do cruzeiro.

Os frades começaram a reconstrucção tentando seguir a antiga fórma.

Mas os tempos eram outros. As grandes ogivas assentam em bases de estylo mui differente, nas capellas as portas modernas brigam com os barretes das coberturas sulcados de fortes cordões, com as finas espirituaes lancetas dos fundos.

Em muitos pontos ainda antes do terremoto, trataram de alizar paredes para assentar xadrezes de azulejos vulgares.

Ia ser uma reconstrucção infeliz.

Que resta da primitiva pureza?

Muito ainda assim, o portico principal, o lateral, o exterior e interior das capellas do cruzeiro e da capella mór.

Essa construcção negra, austera, que se avista de muitos pontos de Lisboa, do Rocio, por exemplo, foi ainda olhada pelo condestavel fundador; elle passou ainda por esses portaes, e orou sob as abobadas dessas capellas tisnadas.

As gravuras que publicamos são reproducções de finas estampas que acompanham a descripção do mosteiro do Carmo, na *Chronica dos Carmelitas* de fr. Joseph Pereira de Sant'Anna (Lisboa, 1745).

A da fachada do templo occupa a parte superior da pagina 282, do tomo 1.º

São gravuras de Debrie, que tanto trabalhou em Portugal, datadas de 1745; documentos preciosos

tanto mais que nos mostram o edificio antes da grande ruina de 1755.

E' a frontaria actual derrocada na parte superior; o portico bastante soterrado, as janellas lateraes já quadrangulares, o *oculo* sobre o portico ogival é um circulo singelo; ao lado direito mostram-se os tres arcos de apoio á parede sul da egreja; á esquerda vê-se a portaria que ainda subsiste.

No terreiro ante o portal temos um grupo interessante: o condestavel falla a uns carmelitas; homens d'armas junto do condestavel; e atraz dos carmelitas um canteiro labóra numa pedra. No segundo plano um grupo de frades marca a portaria.

O condestavel está descoberto, mas com armadura e pelote, tendo na veste bordada a cruz, que se vê tambem no escudo de um dos homens d'armas. O gravador provavelmente teve á vista o retrato da chronica do condestavel. De passagem direi que eu tive occasião de ver ha poucos mezes um retrato do condestavel, corpo inteiro e tamanho natural, pintado a oleo, no palacio Cadaval a Pedrouços, que me parece retrato historico de primeira ordem.

A outra gravura, a que mostra o templo e mosteiro vistos do nascente, é muito interessante tambem.

Está a pag. 571 da obra citada. Mostra o exterior da capella mór, a torre, o convento, algumas pequenas casas, a grande parreira, e parte de um terreiro arborisado.

Vê-se o grande arco, varanda e a janella conventual, nas linhas geraes que são as actuaes.

Agora tem mais um andar ou pavimento; e par-

reira e arvores desappareceram com as modernas construcções.

No primeiro plano temos um grupo de figuras finamente gravado por Debrie; o condestavel, seguido de tres carmelitas, conversa com o architecto que está de chapeu na mão; um canteiro trabalha uma pedra.

Aqui o condestavel está no habito conventual que elle usava, com um livro na mão direita e o celebre cajado na esquerda.

O que me chama a attenção ainda mais é o exterior da capella mór onde vejo as duas series de ogivas, superior e inferior, as debaixo meio encobertas de alvaneria; e toda a construcção encimada por ameias que me parecem em forma de dados, ou cubos, com pyramides quadrangulares sobre elles, de bases maiores que as faces dos dados. Conheço outras ameias assim em varios pontos do paiz, em edificios do seculo XIV.

A torre que a estampa mostra não era seguramente a primitiva, e approxima-se bastante da actual.

INDICE

DO ARCHIVO DE ARCHITECTURA CIVIL

Primeiramente tratarei do Archivo (Lisboa, 1865): os numeros indicam as columnas, pois cada pagina se divide em duas columnas, com sua numeração em baixo: só menciono os trabalhos principaes.

Elogio historico de José da Costa e Silva, c. 9.
Elogio historico de João Frederico Ludovice, c. 13
Pla .ta geral do convento e palacio de Mafra, em grande folha dobravel.
Dirk Stoop, gravador e pintor, c. 19. E' o autor das celebres estampas allusivas ao casamento de D. Catharina, que foi rainha da Inglaterra.
Claustros dos conventos, c. 37.
Architectos, c. 39.
Paço da Ajuda, as novas salas, c. 41.
Idem. Planta geral.
Casa de banhos, projecto.
Elogios historicos de Joaquim da Cunha Lima Junior e Manuel José Carneiro, c. 65.
Estufas em Portugal, c. 68.
Paço dos Estáos e Inquisição de Lisboa, c. 73.
Planta dos cárceres da Inquisição de Lisboa.
Córtes e alçados, em grandes folhas dobraveis.
Escolas primarias.
Tumulo do condestavel Nun'Alvares com uma bella estampa.
Photographias de alguns objectos, estatuas, etc. mais notaveis do Museu do Carmo.
Relação dos socios, c. 113.
Indice, c. 117.
Pulpito de Santa Cruz de Coimbra, com estampa, c. 135.
Monumento de D. Maria I, com est., c. 137.
Machado de bronze, c. 146.
Ruinas do Carmo, c. 148.
Vida de Francisco de Hollanda, c. 163.

INDICE

DO BOLETIM DA REAL ASS. DOS ARCH. CIV. E ARCHEOLOGOS PORTUGUESES

1.º VOLUME

Sarcophago romano, com as musas e Apollo. Deste monumento que é de primeira ordem, uma das principaes antiguidades que temos em Portugal, ha uma descripção minuciosa no Mus. Español de Antiguedades, (T. 2 °, p. 235), pag. 8.

Mosaico romano, de Leiria, p. 24.

Inscripção hebraica de Espiche, Lagos, p. 44.

Inscripções hebraicas, p. 77.

Necropole de Alcacer do Sal, p. 91.

Os vasos, armas e utensilios achados nesta necropole, que formam uma collecção notabilissima, acham-se expostos no Museu de Bellas Artes (Janellas Verdes).

Tumulo de D. Fernando, p. 121 (parte superior).

Mascara da necropole de Alcacer; mascara de barro, coberta de estuque colorido; ha duvidas muito fundadas sobre a authenticidade de tal mascara, p. 131.

Pedra formosa, p. 136; a formidavel pedra ornamentada da Citania de Briteiros, monumento de primeira ordem.

Tumulo de D. Fernando, a caixa, ou parte inferior, p. 153.

Palacio da Ajuda, p. 177.

2.º Volume

O calvario, o magnifico baixo relevo, que pertenceu á casa Loulé, p. 3.
Templo romano, em Evora, p. 6.
Francisco de Hollanda, p. 6.
Citania, p. 12.
Ara de Trajano, Taipas, p. 20.
Ruinas de Santa Luzia, Vianna do Minho, p. 52.
Ara de Castro Daire, p. 52.
Pequeno monumento de muita significação, pelas suas esculpturas.
Janella de Santarem, p. 71.
Dolmens da serra d'Ossa, p. 90.
Bibliotheca de Mafra, p. 102 e 118.
Sarcophago de D. fr. Gonçalo de Sousa, p. 124.
Busto, chamado de D. Affonso Henriques, p. 162.
Sepultura prehistorica da tapada da Ajuda, p. 177.

3.º Volume

Antiguidades egypcias, p. 18.
A collecção de decalcos de relevos egypcios que o Museu do Carmo possue, devida á generosidade de um antigo socio correspondente, é unica em Portugal.
Museu do Carmo, p. 25.
Inscripções arabes de Evora, p. 29.
Machados de bronze, p. 45.
Archivo da Universidade de Coimbra, p. 46.
Mobilia escolar, p. 49.

Esculpturas do sec. XIV, p. 75.
Egrejas de Portugal, plantas, p. 87.
Monumentos nacionaes, p. 100-135.
Sant'Anna do Campo, grande ruina romana, perto de Arraiollos, p. 111.
Ourivesaria portuguesa, p. 113-161.
Dolmens de Elvas e Evora, p. 124.
Janella do mosteiro dos Jeronymos, em Belem, p. 144.
Mosaico de Visella, p. 145.
Nabancia, antig. romanas, p. 152.
Tumulo de D. Affonso Sanches, p. 169.
Papel sellado, p. 176.
Casa dos Vinte e quatro, p. 184.
Museu do Carmo, vista da egreja, p. 187, (com o Neptuno, do Loreto).

4.º Volume

Exequias de D. Manuel, illuminura de um livro de Horas, p. 8.
Machados de bronze, p. 12-37.
Calix da Sé de Coimbra, p. 27.
Templo romano de Evora, p. 33.
A lapide de Aufidio, p. 40.
Mafra, p. 51.
Torques de Penella, p. 62-71.
Museu Cenaculo, em Evora, p. 73.
Bibliotheca de Coimbra, p. 77.
Carta de Izabel de Inglaterra, p. 106.
Architectura Manuelina, conferencia feita em

Coimbra, pelo socio sr. Joaquim de Vasconcellos, p. 117.
Alemquer, porta de S. Francisco, p. 125.
Lapide romana de Alcobaça, p. 127.
S. Francisco de Guimarães, p. 133.
Mumia peruviana, p. 142.
Bibliographia artistica, do sr. Joaquim de Vasconcellos, p. 147.
Monumentos nacionaes, relatorio, p. 153.
Abegoarias e vaccarias, construcção, p. 161.
S. Christovão do Rio Mao, Villa do Conde, p. 163.

5.º Volume

Signaes de canteiros nas pedras de antigos monumentos.
Busto de D. Fernando.
S. Miguel de Guimarães, p. 63.
Rochedo de Linares, com signaes gravados, Douro, p. 78.
Barra do Douro, a lapide de D. Miguel da Silva, p. 80.
Necropole de Alcacer do Sal, p. 92.
Museu d'el-rei D. Fernando, p. 108.
Stoop, o gravador, p. 126.
Collar dos vice-reis da India, p. 142.
Estatua romana de Beja, p. 154.
Paço de Sousa, p. 157.
Pontes romanas em Portugal, 169-181.
Gomil do renascimento, 173.
Sarcophago da Sé do Porto, 188.

6.º Volume

Monumentos celticos, p. 2.
Cintra, antiguidades romanas, inscripções, p. 9-26.
Sé Velha, de Coimbra, p. 12.
Conservação dos objectos antigos, p. 14.
Ardosias lavradas, antiguidades prehistoricas, p. 46.
Escudo ou brazão de Portugal, p. 56.
Trabalhos da Real Associação: memoria historica; commemoração do 25.º anniversario, em 22 de novembro de 1889, p. 65.
Archeologia christã, urnas, paramentos, p. 89.
Numismatica arabe, p. 100.
Antas. Art. de V. d'Almada, p. 101.
Porta da Casa de Sub-ripas, em Coimbra, p. 152.
Ceramica das grutas prehistoricas de Palmella, p. 167.
Os passos de Christo, esculpturas em alabastro do seculo XIV, p. 191.

7.º Volume

Commissão dos monumentos nacionaes.
Questionario geral, p. 1.
Questionario militar, p. 2.
Questionario parochial, p. 2.
Regulamento da commissão dos monumentos nacionaes (1894), p. 4.

Museu ethnographico, p. 5.
Braceletes pre-romanos, p. 6.
Satyro de S. Domingos de Bemfica, p. 7.
Torre de Belem (Garcia de Rezende), p. 9.
Cetobriga, p. 10.
Sinos (O tanger dos), p. 17.
Logar de Alcainça, p. 18.
Plinio e a Lusitania, p. 21.
Bibliotheca da Associação, relatorio do ex.mo visconde da Torre da Murta, p. 23.
Portas romanas de Beja, p. 26.
Empreza de D. Brites, p. 26.
Citania, vista antiga, p. 27.
Boytaca, p. 27.
Castello da Feira, p. 27.
Sansovino, p. 28.
Theodoro da Motta, legado, p. 29.
Vizeu, a Sé, p. 36.
Bensafrim, p. 38.
Nova Goa, o museu, p. 39.
Leis sobre monumentos, p. 40.
Vasco da Gama, restos mortaes, p. 41.
Alcainça, p. 43.
Santo Antonio, p. 48.
Fragões de S. Pedro de Valle de Nogueiras, p. 51.
Torre dos Coelheiros, p. 53.
Ruinas de Monomotapa, p. 55.
Noticias archeologicas, pelo sr. E. R. Dias, p. 57.
Sociedade archeologica lusitana, p. 70.
Collar da Penha Verde (Cintra), p. 73.

Pelourinhos, p. 76.
Commemoração de Possidonio da Silva, p. 81.
Cetobriga, ruinas, p. 85
Casas antigas, bens e moveis de Almadas Carvalhaes: Art. de Rasteiro, p. 92.
Inventarios antigos (sec. XIII), p. 105.
Relatorio da Bibliotheca, p. 106.
Legislação portugueza sobre edificios.
Monumento de D. Maria I, p. 114.
O clero e a archeologia, circular do Arcebispo d'Evora, p. 123.
Egreja de Sant'Anna, p. 134.
Visconde de Alemquer (elogio), p. 145.
Museu eborense, p. 147.
O bispo Gomes de Avellar, os monumentos, e as estradas, p. 148.
Os Vieiras, pintores, p. 150.
Carrilhões, p. 151.
As antigualhas na pauta aduaneira, p. 152.
D. João V e os monumentos, p. 156.
Mosteiro de Grijó, p. 159.
Bibliotheca Nacional de Lisboa, os pergaminhos illuminados e os livros de numismatica, p. 161.
N'este volume encontram-se actas, correspondencia, e relatorios, que mostram a vida da Associação.

— —

Retratos de architectos e archeologos

472 — João Frederico Ludovici, architecto do pa-

lacio e convento de Mafra, da capella mór da Sé de Evora, etc.

473 — Retrato de Manuel da Maia. Aqueducto das Aguas livres, etc.

474 — José da Costa e Silva. Theatro de S. Carlos, Ajuda.

475 — Eugenio dos Santos e Carvalho. Terreiro do Paço.

476 — Manoel Joaquim da Silva, architecto do Infantado. palacio do marquez de Vianna, ao Rato

477 — Joaquim da Cunha Lima. Alguns edificios do Porto.

478 — Manuel José d'Oliveira Cruz. Arranjos na sé de Lisboa.

479 — Verissimo José da Costa. Arco Triumphal do Terreiro do Paço (Praça do Commercio), parte superior.

480 — Feliciano de Sousa Corrêa. Theatro de D. Maria II.

481 — Paulo José Ferreira da Costa.

482 — Lucas José dos Santos Pereira. Restauração da Batalha.

483 — José da Costa Sequeira. Quartel dos marinheiros em Alcantara.

484 — João Pires da Fonte, o primeiro professor de architectura da Academia Real de Lisboa.

485 — João Maria Feijó. Quartel de artilheria a Campolide.

486 — Dr. Augusto Filippe Simões, professor no lyceu de Evora, depois na faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, auctor de trabalhos de importancia sobre archeologia prehistorica, architectura romanica, etc.

487 — Conde do Lavradio.

488 — Francisco José d'Almeida.

489 — Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa: auctor da primeira obra sobre as antas ou dolmens em Portugal.

490 — Ignacio de Villena Barbosa. Varias obras importantes de archeologia nacional.

491 — José Silvestre Ribeiro. Historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios de Portugal.

Joaquim Possidonio Narcizo da Silva, architecto da Casa Real, fundador da Real Associação. Trabalhos nos paços reaes da Ajuda, Necessidades, etc. Retrato por Felix da Costa, socio benemerito.

AZULEJAMENTO DAS PAREDES

Na Chronica dos Carmelitas de Pereira de Santanna (T. 1.º, p. 575. § 1280) se conta da ornamentação interna do templo:

— Por cima da elegante simalha da mesma pedraria, que por ambas as naves vae cobrindo todas as capellas, as paredes desde os remates até á abobada estão cobertas de fino azulejo e ricos paineis com molduras douradas, os quaes contéem muitos passos da vida do nosso Santo Patriarca Elias. Os mesmos adornos enchem os vãos da nave do meio, que entre os arcos medeiam sobre as columnas.—

São ainda bem visiveis os signaes do azulejamento; fragmentos de alguns azulejos estão ainda nos seus logares.

A ESCADA DO CARMO

Do Rocio vinha uma escada que terminava atraz da capella mór.

A Chronica de Pereira de Santanna (p. 689 do T. 1.º) diz: — mandou o santo condestavel lavrar uma capellinha da parte de fóra da igreja nas escadas chamadas do Carmo, e n'ella collocou uma santa imagem de pedra da mesma Senhora da Piedade —.

O SARCOPHAGO DE GONÇALO DE SOUSA

Está na nave esquerda este monumento sepulcral, que tem uma longa e significativa inscripção (V. Sousa Viterbo, *Trabalhos nauticos* p. 273).

No nosso *Boletim* figura a sua estampa no n.º 8 da 2.ª serie. O lettreiro refere-se principalmente ás virtudes do infante D. Henrique, o grande navegador. Pelo estylo, pela estatua jacente com minucias de vestuario, pelo lettreiro tão nobre e significativo, esta caixa tumular é um monumento de primeira ordem.

TAÇA DE FONTE DE SIMÃO CORREIA

É um bello exemplar de taça ou bacia de fonte, mourisca; está na nave central. Sobre este monumento consulte-se a obra do nosso illustre socio Sousa Viterbo — *Trabalhos nauticos dos portuguezes nos seculos* XVI *e* XVII, (Lisboa, Typ. da Acad. R. das Sc. 1900, pag. 144).

Na egreja do extincto convento de Sacavem, que ora serve de parochial, está uma taça, de dimen-

sões menores que a do Carmo, mas tambem mourisca, muito elegante, que recorda esta no estylo artistico. E' sabido que os mouros tiveram e teem o agradavel uso de animar os seus pateos e vestibulos com fontes de repuxo, onde os fios da agua cahindo nas taças, e trasbordando d'estas nos tanques, produzem um murmurio suave que se casa bem com as verduras das bananeiras, e os matizes de cravos, rosas e jasmins. E' bem possivel que algumas taças de fonte que se encontram pelo paiz sejam de origem mourisca.

A MULHER DE CHRISTOVÃO COLOMBO

Uma tradição não provada

Tem-se dito que D. Filippa Moniz de Mello foi sepultada na egreja do Carmo. Sobre este ponto é instructivo o opusculo do sr. Antonio Maria de Freitas (Nicolau Florentino), intitulado — *A mulher de Colombo*, (Lisboa. Typ. Guedes, 1892).

O sr. Freitas conclue : «a lenda dos seus amores (refere-se a Colombo) em Lisboa, o fallecimento de sua mulher n'esta cidade e a sua sepultura n'uma capella do Carmo, tudo isso fica tão deslocado na engrenagem d'épocas, pessoas, logares e factos averiguados, que não necessita de grandes esforços para cahir pela base.

Ainda diligenciamos ver se os restos mortaes de

D. Filippa seriam trasladados da Madeira para aquelle convento. Não ha noticia de tal, apesar dos registos de enterramentos se encontrarem ainda hoje soffrivelmente completos. Daria pois, talvez origem a essa versão o saber-se da existencia da capella de Nossa Senhora da Piedade, fundada no Carmo por Gil Ayres, casado com D. Leonor Moniz, da illustre familia da sogra de Colombo (pag. 59, nota).

Falleceu D. Filippa Moniz de Mello no Funchal, e, segundo se conclue de varios elementos, foi sepultada na Sé da mesma cidade (ibidem, texto).»

PLANTAS DOS PALACIOS REAES

Temos as plantas dos palacios da Ajuda, Villa Viçosa, Mafra, Salvaterra, Caxias, Queluz.

Será bom observar que a architectura moderna tem muito que estudar n'estas vastas construcções regias. Os palacios reaes estão bem conservados em geral, e tambem as suas decorações, que são fontes de estylo.

Os antigos jardins de Mafra, Caxias, Queluz, são modelos no seu genero.

O MAPPA DO RIO DE JANEIRO

O mappa architectural da cidade do Rio de Janeiro, grande planta da capital do Brazil, mostrando

as frontarias das casas, foi gravado em 1874; trabalho de Rocha Fragoso.

Não admira que seja pouco vulgar em Portugal; mas parece que tambem o é no Brazil, porque alguns visitantes, naturaes d'aquelle paiz, e mesmo do Rio, tenho visto admirados da notavel gravura.

OLAS ORIENTAES

Em Portugal conheço apenas além d'estas uma ola na Bibl. Nac. de Lisboa. Foram usadas no Indostão meridional, em Ceylão, na Indo-China. No Museu Britannico ha muitas, algumas de riquissimo trabalho. Serviam para lavrar contractos e tratados. São folhas de palmeira preparadas; os caracteres gravados com um ponteiro especial.

Estas do museu do Carmo são bellos exemplares, e bem conservados.

DECALCOS DE BAIXOS RELEVOS DO TEMPLO DE ABYDOS, NO EGYPTO

Ha antiguidades egypcias, aos centos, no Museu de Archeologia, em Madrid; aos milhares, no Louvre, em Paris; enchendo enormes salões no British Museum, em Londres; nada em Lisboa, a não ser esta linda collecção de simples decalcos do Museu do Carmo.

Esta collecção foi feita e offerecida pelo sr. A. de Soster, archeologo encarregado pelo governo hespanhol em 1879, de tirar decalcos d'estas esculpturas, consideradas das mais antigas do Egypto.

O sr. Soster tirou duas collecções, ficando uma em Madrid, e vindo esta para o nosso Museu.

A serie está agora em 44 molduras, a conveniente altura. E' muito interessante. O deus Horus, a barca divina de Osiris, Amon e Lunus, Amon-Rè e a deusa Isis, as deusas Neith e Tafné; Thob, Phthá, nos seus altares e mysterios, cercados do symbolismo extraordinario, adorados pelos reis de muitas dynastias, ahi apparecem ao espectador no estranho estylo da esculptura egypcia.

Os decalcos são bem tirados.

ANTIGUIDADES AMERICANAS

São de extrema raridade em Portugal. Temos no Museu do Carmo muitas ceramicas, vasos para varios usos, moringues do Mexico, etc.

Duas mumias de mulher e criança, do Peru, conservando pelle e cabellos.

Feitiços e idolos dos aztéques, etc.

Na Acad. R. das Sciencias tambem ha velhas ceramicas americanas.

São antigualhas a que se deve prestar cuidado, porque são raras.

MOSAICOS ROMANOS

No Museu do Carmo temos grandes fragmentos de mosaicos romanos, de primeira ordem. E' notavel a grande frequencia de bellos mosaicos que se encontram ainda hoje em Portugal.

No Museu de Bellas Artes (Janellas Verdes) ha muitos, de extraordinaria variedade, na maior parte de proveniencia algarvia. Ha mosaicos nos museus de Faro, Beja, Evora e Coimbra. Em nossos dias teem apparecido muitos e infelizmente muito se tem estragado. Os do templo e thermas da Troia (Cetobriga) foram destruidos pelos visitantes em poucos annos. Um desastre.

Tres pavimentos de mosaico mui lindo, descobertos nas ruinas da herdade da Morgada (S. Miguel de Machede) foram arrancados barbaramente, escapando pequenos fragmentos. Ha pouco descobriram se outros em Condeixa e Leiria que se salvaram felizmente.

Se no Alemtejo apparecem frequentemente, póde affirmar-se que no Algarve elles surgem a cada passo, principalmente no litoral.

Vê-se que este ramo de arte foi cultivado com muito gosto no tempo da dominação romana, em toda a Lusitania, o que em parte se poderá explicar pela riqueza de marmores variamente coloridos que aqui existem.

SANTA THERESA DE JESUS

Existiam no Carmo varias reliquias de Santa Thereza, e, talvez a mais preciosa, o Breviario de seu uso. — «Acha-se tambem collocado no mesmo santuario o Breviario por onde resava a nossa doutora mystica Santa Thereza de Jesus; e consta ser o proprio pela attestação do veneravel padre frei Jeronymo Gracian da Madre de Deus, visitador que foi d'esta provincia... o qual na ultima folha do mesmo breviario escreveu — Este breviario era de la Santa Madre Theresa de Jesus.

Tinha nas margens em notas e rubricas lettra da Santa». (Chronica do Carmo, por Sant'Anna, pag. 589).

OS ARCHITECTOS

Segundo affirma fr. José Pereira de Sant'anna na Chronica do Carmo (T. 1.° pag. 346 e 347) os architectos foram Affonso Anes, Gonçalo Anes e Rodrigo Anes. O chronista refere-se sobre este ponto a antigas memorias da sua ordem. Mas n'uma escriptura lavrada em agosto de 1399 figura como testemunha Gomes Martins, mestre da obra do conde (Sousa Viterbo, *Diccionario historico e documental dos architectos*, etc. Lisboa, 1899, pag. 30 e 31).

Como a obra durou alguns annos, é bem possivel que differentes mestres a dirigissem.

Pelo que resta do templo primitivo, que é muito, vê-se que, apesar de mestres differentes, não houve variante de estylo, ficando-nos assim n'esta gloriosa ruina um exemplar de primeira ordem da architectura ogival, do findar do sec. XIV. É uma architectura sobria, austera, religiosa. Diz bem com a memoria do condestavel, guerreiro e santo.

Na grande serie de edificios que temos em Portugal, o Carmo tem significativo logar. Em Lisboa temos para comparação na evolução artistica a charola da Sé com suas capellas, e o claustro, ogival tambem, reconstruido sobre o romanico, com aproveitamento de elementos d'este estylo.

Na Batalha o templo propriamente dito, seu contemporaneo, pondo de parte a maravilhosa ornamentação exterior.

O claustro da sé de Evora, bem conservado, é ogival do seculo XIV, elegante exemplar, onde apenas nos elementos decorativos, nos oculos ou rosas que rompem e illuminam entre as ogivas das arcadas, apparecem motivos alheios ao ogival, os engenhosos entrelaçados da arte arabe.

Pouco distante de Lisboa encontramos ainda restos consideraveis do ogival em Odivellas.

Alguns d'estes edificios podem ser rigorosamente datados.

Capella de Bartholomeu Joannes, na sé de Lisboa, 1324.

Capellas affonsinas, na mesma sé, 1334.
Claustro da sé de Evora, 1374.
Carmo, de Lisboa, 1389.

A egreja do castello de Leiria é bom exemplar tambem, e Alcobaça e ainda outros templos de Portugal manifestam a grande actividade artistica que aqui houve no periodo ogival, que succedeu ao prodigioso movimento romanico, e que antecedeu a expansão manuelina.

GABRIEL PEREIRA

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00044 1382

Preço 100 réis